



DACEC - Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação
PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Regional

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 18/12/2020 a 11/02/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
05/02/2021	13,66	430,50	44,66	6,41	5,48
08/02/2021	13,87	436,60	45,63	6,55	5,63
09/02/2021	14,01	438,70	46,52	6,49	5,56
10/02/2021	13,54	422,30	45,69	6,35	5,34
11/02/2021	13,67	428,90	45,63	6,33	5,41
Média	13,75	431,40	45,63	6,43	5,48

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	
RS – Panambi	158,00	
RS – Não Me Toque	157,00	
RS – Londrina	154,00	
PR – Cascavel	157,00	
MT – C.N.Parecis	148,00	
MS – Maracaju	150,00	
GO - Rio Verde	156,00	
BA – L.E.Magalhães	150,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	74,00	CIF
Porto de Paranaguá	81,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	80,00	
SC – Rio do Sul	80,00	
PR – Cascavel	73,00	
PR – Londrina	73,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	72,00	
SP – Itapetininga	82,00	
SP – Campinas	86,00	CIF
GO – Rio Verde	75,00	
GO – Jataí	75,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	76,00	
RS – Não Me Toque	76,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – Cascavel	76,00	

Período: 10/02/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da
Notícias Agrícolas.

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 11/02/2021

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	79,30	157,88	75,05

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 11/02/2021

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	90,59
Feijão (saco 60 Kg)	274,62
Sorgo (saco 60 Kg)	63,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,15
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,01**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,29

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

(**) Ref. Janeiro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER.

MERCADO DA SOJA

Retomando nossos comentários, após o recesso de final de ano e as férias deverão, verificamos que:

- 1) as cotações da soja em Chicago, para o primeiro mês cotado, continuaram subindo, saindo de um patamar de US\$ 12,01/bushel no dia 17 de dezembro (quando de nosso último comentário) para US\$ 13,67 no dia 11 de fevereiro de 2021, tendo mesmo atingido a US\$ 14,36/bushel no dia 14 de janeiro passado, o seu mais alto nível desde o final de junho de 2014. Portanto, há quase sete anos. O farelo igualmente disparou em Chicago, saindo de US\$ 397,90/tonelada curta no dia 17/12 passado para US\$ 428,90 no dia 11/02, tendo atingido até US\$ 471,20/tonelada curta no dia 12 de janeiro. Já o óleo de soja voltou aos níveis de julho de 2013, ao sair de 39,93 centavos de dólar por libra-peso no dia 17/12 passado, para 45,63 centavos no dia 11/02, tendo mesmo atingido a 46,52 centavos por libra-peso no dia 09/02, a mais alta cotação do produto desde 10/07/2013.
- 2) Vale ainda destacar que a média de preços da soja em Chicago, em dezembro/20, ficou em US\$ 12,07/bushel, indicando um aumento de 5,7% sobre a média de novembro. Já a média de janeiro/21 chegou a US\$ 13,72/bushel, superando em 13,7% a média de dezembro. Ao mesmo tempo, a média do farelo de soja, em janeiro, atingiu a US\$ 442,93/tonelada curta, superando em 10,4% a média de dezembro, a qual já havia superado em 2,8% a média de novembro. Enfim, a média de preços do óleo de soja em Chicago subiu 8,4% em dezembro, sobre novembro, para se estabelecer em 39,97 centavos de dólar por libra-peso. Posteriormente, em janeiro passado esta média atingiu a 43,39 centavos, superando em 8,6% a média de dezembro. Ou seja, o complexo soja em Chicago se manteve em forte elevação entre o final de novembro/20 e este meados de fevereiro/21.
- 3) Os preços da soja no Brasil, neste período, assistiram a dois movimentos. O primeiro, de relativo recuo, ainda detectado em nosso último comentário do ano passado, quando os mesmos giraram por algum tempo, em termos médios, entre R\$ 125,00 e R\$ 135,00/saco nas diferentes praças nacionais, após terem ultrapassado a R\$ 160,00/saco em novembro. Posteriormente, o mercado retomou seu ritmo de alta, voltando aos patamares de R\$ 150,00/saco, tendo atingido valores entre R\$ 148,00 e R\$ 158,00/saco nas diferentes praças nacionais que acompanhamos.

Dentre os motivos para as altas em Chicago, encontramos três principais:

- 1) forte especulação ligada aos Fundos de Investimento, gerando uma bolha de preços anormal para os atuais padrões do mercado. Este movimento comprador dos Fundos está ligado ao recrudescimento da pandemia da Covid-19 no mundo, o que leva os países a manterem juros ao redor de 0% ao ano visando estimular suas economias. Este fato reduz fortemente o rendimento dos títulos públicos e outros papéis, levando os Fundos a aplicarem em commodities.

- 2) Os dois relatórios mensais de oferta e demanda do USDA (dezembro/20 e janeiro/21), que tivemos neste período, reduziram fortemente os estoques finais de soja nos EUA, assim como o volume realmente colhido na última safra daquele país. Enquanto a safra foi revisada para 112,5 milhões de toneladas, após ter sido prevista em até 123 milhões, os estoques finais recuaram para 3,25 milhões de toneladas para 2020/21, ficando em um dos níveis mais baixos dos últimos anos. A título de comparação, os estoques finais estadunidenses dos dois anos anteriores ficaram, respectivamente, em 14,28 milhões (2019/20) e 24,74 milhões de toneladas (2018/19). Com isso, os estoques finais mundiais, mesmo com o aumento na produção brasileira, prevista para 133 milhões de toneladas neste ano, recuaram para 83,4 milhões de toneladas, igualmente ficando bem abaixo dos níveis de anos anteriores. Diante disso, a média de preços aos produtores de soja dos EUA, para o corrente ano, está estimada em US\$ 11,15/bushel, contra US\$ 8,57 um ano antes e US\$ 8,48 em 2018/19. Temos aí um aumento importante de US\$ 2,58/bushel entre a média prevista para o corrente ano e a média do ano anterior.
- 3) A contínua demanda chinesa, mesmo que, para a soja, os relatórios tenham mantido o volume de 100 milhões de toneladas a serem importadas pela China em 2020/21. A posse do governo Biden conforta a ideia de que poderá haver um distencionamento nas conturbadas relações comerciais e econômicas entre EUA e China, embora dificilmente os estadunidenses baixarão a guarda em relação ao avanço econômico chinês mundo afora.

No caso brasileiro em geral, e gaúcho em particular, os preços elevados se devem a entressafra, após exportações recordes neste último ano; demanda interna elevada e praticamente escassez de estoques, obrigando o país a aumentar o volume historicamente importado da oleaginosa. O recuo ocorrido no final do ano passado nos preços se deveu a valorização do Real, o qual se aproximou de R\$ 5,00 por dólar na oportunidade. Todavia, apesar de o dólar estar se enfraquecendo perante as moedas mundiais, no Brasil, devido à má condução da política sanitária, ambiental e política, somada a juros reais negativos e falta de encaminhamento das reformas administrativa e tributária, continua havendo fuga de dólares, fato que elevou a desvalorização do Real para patamares entre R\$ 5,30 e R\$ 5,40 por dólar. Isso, e a disparada das cotações em Chicago, em um contexto de retorno da demanda após as paralisações de final de ano, elevaram novamente os preços internos da soja.

Assim, por enquanto, no Rio Grande do Sul, por exemplo, os preços estão bem acima da expectativa que tínhamos no final do ano, que era de valores ao redor de R\$ 100,00/saco, talvez um pouco mais. Nesta semana, a média gaúcha no balcão atingiu a R\$ 157,88/saco. Mas a atenção se volta para o momento da colheita, em fins de março e abril, quando se espera, neste ano, uma safra normal ao redor de 20 milhões de toneladas, após a frustrada safra passada. Embora já haja 40% vendido desta futura safra (60% no Brasil todo), a pressão da colheita pode forçar para baixo os preços. Especialmente se o Copom confirmar, em sua reunião de março, o início da elevação do juro básico (Selic), fato que pode revalorizar um pouco o Real. Além disso, o clima continuará sendo um fator decisivo nos próximos 45 dias.

Por enquanto, ao final da colheita, que no Brasil já se iniciou, espera-se preços da soja em um patamar entre R\$ 100,00 e R\$ 150,00/saco no balcão, dependendo da região e de sua capacidade de oferta. Até meados da corrente semana, a colheita da soja no Brasil chegava a 4% da área, estando bastante atrasada em relação aos 16% colhidos na mesma época do ano passado, segundo a AgRural. O atraso se deve a problemas climáticos em diferentes regiões do país, os quais estiveram presentes desde o momento do plantio, quando faltou chuva na primavera. Mesmo assim não se espera, por enquanto, quebra no volume a ser colhido na atual safra nacional.

MERCADO DO MILHO

O mercado do milho, por sua vez, apresenta um quadro semelhante. Entre meados de dezembro e meados de fevereiro, os principais elementos que o movimentaram podem, assim, ser resumidos:

- 1) No contexto externo, as cotações em Chicago subiram. O bushel do cereal saiu de US\$ 4,32 em 17/12 para US\$ 5,41 nesta quinta-feira, 11/02, tendo atingido US\$ 5,63 no dia 08/02. Esta última cotação não era vista na CBOT, para o primeiro mês cotado, desde meados de julho de 2013, portanto, há quase oito anos. A média do mês de janeiro fechou em US\$ 5,15/bushel, ganhando 18,4% sobre a média de dezembro, que foi de US\$ 4,35 a qual, por sua vez, já havia sido 4,8% mais elevada do que a média de novembro. Os motivos deste comportamento são semelhantes aos encontrados na soja, sendo que a atuação dos Fundos no lado comprador se destaca, ao mesmo tempo em que os estoques mundiais recuaram, apesar de uma produção mundial recorde. Esta última deve chegar a 1,134 bilhão de toneladas em 2020/21. Enquanto isso, devido a forte demanda, especialmente da China, que iniciou a recuperação de seu rebanho suinícola ainda no ano passado, os estoques finais mundiais recuam para 286,5 milhões de toneladas, contra 303 milhões em 2019/20 e 320,1 milhões em 2018/19. Já a produção de milho nos EUA, colhida no final do ano passado, foi consolidada em 360,2 milhões de toneladas, embora inicialmente chegou-se a cogitar um volume um pouco superior a 400 milhões de toneladas. Os estoques finais estadunidenses, neste contexto, recuaram para 38,2 milhões de toneladas em 2020/21, contra 48,8 e 56,4 milhões de toneladas nos dois anos anteriores respectivamente. Em tal quadro, a média de preços ao produtor de milho dos EUA, para este ano comercial, está estimada em US\$ 4,30/bushel, contra US\$ 3,56 no ano anterior e US\$ 3,61/bushel em 2018/19. As importações chinesas de milho devem alcançar 24 milhões de toneladas no corrente ano, contra apenas 7,6 milhões no ano anterior, e 4,5 milhões de toneladas em 2018/19. As dificuldades climáticas na Argentina e parte do Brasil nesta primavera/verão atingiram as lavouras de milho, causando perdas que se adicionam às preocupações mundiais pelo lado da oferta. A produção argentina, por exemplo, que inicialmente chegou a ser cogitada próxima de 53 milhões de toneladas, já está estimada em 47,5 milhões devido as intempéries.
- 2) No mercado brasileiro, os preços do milho, que fecharam a semana do 17/12 em R\$ 73,82/saco no balcão gaúcho, atingiam, nesta semana de fevereiro, R\$ 79,30. Em termos nacionais, neste período de praticamente 60 dias, os preços médios saíram de um patamar entre R\$ 59,00 e R\$ 74,00/saco conforme as

diferentes regiões do país, para um nível de preço médio entre R\$ 66,00 e R\$ 82,00/saco. Esta alta média nos preços do cereal se deve a um consumo interno sustentado durante o ano de 2020; a exportações que chegaram ao redor de 32,2 milhões de toneladas no ano passado; a períodos de seca importante durante a primavera passada, os quais comprometeram parte da safra de verão do cereal (no Rio Grande do Sul as perdas chegam a quase 50%, pois a previsão inicial era de uma colheita ao redor de 5,9 milhões de toneladas enquanto a estimativa atual aponta para algo entre 3 e 3,5 milhões de toneladas). Esta redução na oferta do milho de verão vem se somar a estoques mais reduzidos no país, em um momento em que a demanda interna continua firme, graças a importantes exportações de carnes. Assim, o quadro de oferta nacional do cereal somente poderá melhorar quando da colheita da safrinha, a partir de meados do corrente ano, caso o clima efetivamente auxilie. Este contexto oferece sustentação aos preços internos do milho neste início de ano.

Dito isso, o primeiro levantamento de safra da Conab, para este novo ano, aponta uma produção total de milho no país em 105 milhões de toneladas, contra 102 milhões no ano anterior, sendo que 80 milhões viria da safrinha que está sendo semeada neste momento no Centro-Sul brasileiro. Neste sentido, apenas 3,4% da área esperada para a região havia sido plantada até o dia 04/02, contra 23% na mesma época do ano passado, segundo a AgRural. Este atraso causa igualmente estresse no mercado, pois pode comprometer o volume e a qualidade final da safrinha. A área total a ser semeada na safrinha está projetada em 14,4 milhões de hectares, enquanto na safra de verão que está sendo colhida, a mesma atingiu a 4,2 milhões de hectares. O consumo interno de milho deverá chegar a 71,8 milhões de toneladas neste ano, enquanto as exportações poderão atingir 35 milhões de toneladas. Neste contexto, os estoques finais para 2022 ficariam em 9,9 milhões de toneladas, com recuo de 6,6% sobre os estoques deste ano anterior.

Um quadro que poderá manter os preços internos pressionados para cima caso a safrinha venha a enfrentar dificuldades climáticas. Especialmente porque as exportações continuam firmes. Neste último caso, nos cinco primeiros dias úteis de fevereiro, o Brasil exportou 317.780 toneladas do cereal, volume que representa 93,4% do que o país havia exportado em todo o mês de fevereiro de 2020. O preço médio da tonelada exportada ficou em US\$ 193,70, ou seja, 5,7% abaixo da média registrada em fevereiro de 2020.

MERCADO DO TRIGO

Nestes últimos 60 dias, o mercado do trigo assistiu a uma pequena elevação em seus preços externos, balizados pela Bolsa de Chicago. Enquanto isso, no mercado interno os preços médios se elevaram de forma mais consistente, seguindo a tendência da soja e do milho. Os principais elementos destes últimos dois meses podem assim ser resumidos:

- 1) No mercado internacional, o bushel de trigo, para o primeiro mês cotado, saiu de US\$ 6,08 no dia 17/12, para um recorde nos últimos anos de US\$ 6,75 em 15 de janeiro passado. Depois o mesmo cedeu, vindo a fechar nesta quinta-feira (11)

em US\$ 6,33. Este valor de janeiro não era visto em Chicago desde meados de julho de 2014. Por sua vez, a média de janeiro/21 ficou em US\$ 6,55/bushel, sendo 9,2% acima da média de dezembro, que foi de US\$ 6,00, a qual ficou 0,3% acima da média de novembro. O quadro de oferta mundial, conforme os dois últimos relatórios de oferta e demanda do USDA, mostra uma produção global em 773,4 milhões de toneladas, contra 730,9 milhões dois anos antes. Os estoques finais mundiais chegam, agora, a 304,2 milhões de toneladas, contra 283,2 milhões dois anos antes. Todavia, em relação as projeções de janeiro, o ano de 2020/21 viu um recuo de aproximadamente 9 milhões de toneladas nestes estoques finais. Nos EUA, a produção foi mantida em 49,7 milhões de toneladas, contra 52,6 milhões no ano anterior e 51,3 milhões em 2018/19. Com isso, os estoques finais estadunidenses de trigo, para 2020/21, recuam para 22,8 milhões de toneladas, contra 28 milhões no ano anterior e 29,4 milhões de toneladas dois anos antes. Assim, o preço médio ao produtor estadunidense, no corrente ano comercial, está projetado em US\$ 5,00/bushel, contra US\$ 4,58 no ano anterior e US\$ 5,16 em 2018/19. Ou seja, assim como no caso do milho e da soja, as atuais cotações em Chicago estão muito acima da média projetada para o ano, indicando um potencial de recuo futuro.

- 2) No mercado brasileiro, os preços do trigo igualmente se elevaram. A média no balcão gaúcho, que foi de R\$ 70,00/saco na semana do 17/12/2020, subiu para R\$ 75,05/saco, enquanto os lotes, nas diferentes praças nacionais, saíram de um patamar entre R\$ 67,00 e R\$ 70,00/saco, para R\$ 76,00. Neste meados de fevereiro/21, constata-se baixa disponibilidade de trigo, especialmente de qualidade superior, sendo que o ritmo de negócios está lento no mercado brasileiro em geral. Os moinhos estão aumentando suas importações do cereal, algo que ficou bem evidente já em janeiro. Algumas vendas mais significativas ocorrem em certas regiões do país visando desocupar silos e armazéns para a entrada da safra de soja (cf. Cepea/Esalq). O total de trigo importado pelo Brasil em janeiro atingiu a 643.900 toneladas, volume 127,1% superior ao registrado em dezembro/20, porém, ainda 0,6% abaixo do verificado em janeiro/20 (cf. Secex).

Em termos de mercado externo, vale ainda destacar que as vendas semanais de trigo, para o ano 2020/21, nos EUA, na semana encerrada em 04/02, atingiram a 591.000 toneladas, ficando 50% acima da média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2021/22 foram registradas vendas de 44.400 toneladas, com as Filipinas sendo o maior comprador, ao adquirir 25.000 toneladas daquele total. O volume semanal total exportado pelos EUA ficou acima das expectativas do mercado.